



### PRÁTICAS DE LETRAMENTO E GÊNEROS TEXTUAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Francildo Paiva Santos (PPGL/UFPI)<sup>1</sup>  
[francildopaiva@hotmail.com](mailto:francildopaiva@hotmail.com)

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa (UFPI)<sup>2</sup>  
[costacatarina@uol.com.br](mailto:costacatarina@uol.com.br)

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo comparar práticas de letramento da sala de aula com práticas encontradas fora desse contexto, a partir do contato dos alunos com a diversidade dos gêneros textuais nas atividades dos quais participam em uma escola pública da cidade de Teresina-PI. O aporte teórico da pesquisa contempla autores como Marcuschi (2003), Souza, Corti e Mendonça (2012), Bortoni-Ricardo (2005), dentre outros. O contato com os alunos foi possível porque já tínhamos experiência de trabalhos realizados na escola devido a demandas do nosso curso. A pesquisa utilizou subsídios da etnografia e da observação participante, o que nos permitiu observar os alunos tanto na sala como nos corredores da escola. Em nossa pesquisa observamos que os alunos conseguiam satisfatoriamente produzir textos tanto escritos como orais em situações corriqueiras, mas que faziam sentido para eles. A linguagem é sentido e função, e quando não se encontra isso, não há interação e nem motivação para participar de eventos em que o texto é simplesmente para avaliar o aluno quanto ao domínio dos aspectos gramaticais. A diversidade de gêneros e práticas de letramento existentes em nossa sociedade não pode ser ignorada na escola que, muitas vezes, contempla o texto totalmente afastado da vida do aluno, ou que nada quer dizer ao aprendiz. Os gêneros devem ser entendidos como textos interativos e que cumprem funções específicas e não apenas como textos meramente técnicos, em que a aprendizagem se desvincula do contexto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento; Ensino; Escola; Gêneros textuais.

**ABSTRACT:** This article aims to compare literacy practices of the classroom with practical found outside that context, from the contact of students with the diversity of genres in the activities in which they participate in a public school in the city of Teresina-PI. The theoretical research contribution includes authors such as Marcuschi (2003), Souza (2012), Bortoni-Ricardo (2005), among others. The contact with the students was possible because we already had experience of work in the school due to demands of our course. The research used the subsidies ethnography and participant observation, which allowed us to observe students both in the room and in the halls. In our research, we found that students were able to satisfactorily produce texts both written and oral in everyday situations, which make sense to them. We realize that genres should be worked contextual way, so that the student, through the teaching of genres, can carry more interaction and participation in the environment they live in. The diversity of genres and literacy practices in our society can't be ignored in school, which often includes the text completely away from the student's life, or anything that is the learner. The genres are to be understood as interactive texts that meet specific roles and not just merely technical text in which learning is unhooked from the context.

**KEYWORDS:** Literacy; Teaching; School; Gender textual.

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduado em Letras Portuguesas pela UFPI. E-mail: francildopaiva@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do PPGL (UFPI). E-mail: costacatarina@uol.com.br



## Introdução

A escola, segundo Kleiman (1995), é a principal agência de letramento na nossa sociedade, o que nos motiva para uma observação e reflexão em relação às práticas de letramento existentes nesse contexto. O interesse do presente artigo é o foco para a função e o sentido que as práticas de letramento e os gêneros textuais quando trabalhados de maneira contextualizada podem promover ao aluno. Este artigo tem como objetivo comparar práticas de letramento da escola, mas especificamente do contexto da sala de aula com práticas das vivências dos alunos no cotidiano, para observar em quais práticas os alunos encontram sentido e funcionalidade.<sup>3</sup>

Os gêneros textuais em nossa sociedade circulam por diversos contextos e cumprem funções que são específicas em cada um deles. Sabendo disso, a nossa intenção é que haja uma maior reflexão quanto ao ensino da língua materna nas escolas e a conscientização tanto de professores como de alunos da educação básica de que a linguagem é multifacetada e não se resume apenas ao ensino da gramática normativa.

Um ensino que não abarca os diversos gêneros textuais que fazem parte das mais diferentes situações não leva o aluno a se reconhecer como sujeito participante do processo de ensino e aprendizagem, tampouco a adquirir competências comunicativas nas situações concretas de uso.

Segundo Marcuschi (2003, p. 16) “[...] numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia”. A escrita não deve ser para os estudantes apenas algo que lembre a escola ou uma redação com fins avaliativos, mas sim algo que se adquire com a finalidade de se fazer sentido em alguma situação concreta de uso.

---

<sup>3</sup> As práticas de letramento do cotidiano dos alunos, para o presente artigo, contemplam a análise não apenas das práticas das vivências deles fora da escola, mas também práticas de leitura e escrita em que se envolvem nos corredores da escola. Embora essas práticas de letramento dos corredores ocorram no ambiente escolar, são práticas diferenciadas das que ocorrem no contexto de sala de aula.

Inicialmente, discorreremos a concepção teórica, de práticas de letramento em conexão com a diversidade de gêneros textuais existentes. Em seguida, abordaremos a metodologia da pesquisa e depois faremos a comparação das práticas de letramento escolar e não escolar.

## **PRÁTICAS DE LETRAMENTO, GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO**

Street (2014) propõe duas abordagens para o letramento. Para o autor há dois modelos de letramento: o modelo autônomo e o modelo ideológico. O primeiro posiciona o letramento em uma maneira de se ensinar a escrita como padrão, esquecendo-se de que os letramentos são diversificados e não únicos.

Para o segundo modelo a escrita deveria ser analisada de acordo com as relações de poder, crenças e ideologias que fazem parte de uma dada sociedade e não como uma escrita meramente técnica, em detrimento dos inúmeros letramentos existentes. Essa abordagem analisa o letramento como plurais e determinado em um contexto.

Lêdo (2013, p. 57) afirma que “[...] em geral, o que acontece é que as práticas de letramento anteriores dos estudantes não são consideradas, mas sim marginalizadas.”

Mesmo que os alunos não assimilem os letramentos propostos pela escola, não significa dizer que eles não tenham sucesso em outras práticas de leitura e escrita fora dos muros escolares.

Kleiman (1995, p. 40) define evento de letramento como “[...] situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido da situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas.”

Os eventos de letramento estão diretamente ligados ao contexto dos alunos, às práticas sociais que fazem uso da escrita. Como bem atesta a autora, evento de letramento é uma situação em que estão reunidos os participantes de uma dada interação comunicativa em torno de um material escrito, trazendo àquele material significação

que é dependente de um contexto específico. Esses eventos quando repetidos transformam-se em práticas de letramento de um dado grupo social. Para Lopes, prática de letramento:

[...] diz respeito à maneira culturalmente adotada por um grupo social para fazer uso da língua escrita. O comportamento adotado mediante esses usos é que vai revelar as concepções, valores e crenças constituídas em uma cultura, frente à escrita e, assim, os sentidos que faz esse recurso comunicativo num dado contexto (LOPES, 2006, p. 58).

Por que encontramos na escola alunos cansados e desmotivados perante as práticas de letramento oferecidas por essa instituição? Por que muitos aprendizes encontram sentido em eventos de letramento como uma leitura coletiva de uma revista que trata de temas relevantes para o seu meio e não encontram sentido em muitas tarefas e leituras da escola?

Essas perguntas são alvos de estudos de pesquisadoras como Bortoni-Ricardo (2005, p.182), em que segundo ela “a pergunta que deveríamos fazer, então, não é se as escolas são veículos eficientes de transmissão da língua padrão, mas sim, especificamente, se as escolas contribuem para que os alunos adquiram os estilos formais da língua”. Os estilos formais da língua estão associados às práticas de letramento escolar, as quais nossos alunos tomam como certas por fazerem parte de uma instituição de prestígio, como é a escola.

Os nossos professores adentram a sala de aula com a ideologia do letramento autônomo, em que consideram que os estudantes devem aprender a ler e escrever, simplesmente em torno de uma tecnologia abstrata, sem se darem conta de observar quais as significações que os alunos dão ao texto escrito. Antunes confirma:

É evidente que, se não se consegue descobrir o texto e suas regularidades, também não se descobre a língua na sua dimensão funcional de atividade interativa. Daí que continuou, em grande parte



das escolas, a experiência inócua e frustrante de um estudo de língua que parece esgotar-se em exercícios de classe e deveres de casa, que pouco ou nada têm de discursivos, de textuais, de interativos e funcionais (ANTUNES, 2009, p. 53).

O mito do letramento, confundido com o conceito da alfabetização, ainda está muito arraigado no contexto escolar. O aluno não adquire a capacidade de tornar a escrita como sua propriedade apenas lendo e copiando do quadro ou fazendo tarefas escolares, mas sim quando aprende a fazer uso dessa tecnologia e também a observar os diferentes contextos de uso da mesma. Um aluno que sabe apenas ler e escrever não necessariamente é um aluno letrado (SOARES, 1998).

Em consonância com os Novos Estudos do Letramento é relevante a nossa concepção de práticas de letramento e a sua abordagem para o trabalho com os diversos gêneros textuais. Por isso, nos apoiamos no conceito de práticas de letramento de acordo com Lopes (2006), Kleiman (1995) e Street (2014 p. 18), em que para o autor “[...] o conceito de práticas de letramento se coloca num nível mais alto de abstração e se refere igualmente ao comportamento e as conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e da escrita.”

Diante do exposto, partilhamos da idéia de que a escola deveria considerar os letramentos a partir do trabalho de leitura e escrita dos diferentes gêneros textuais, pois diversificadas são as práticas sociais que fazem parte de uma determinada cultura, e não deveria discriminar os letramentos locais e/ou das classes populares a favor de um letramento padrão que deva ser usado em uma situação global, interferindo em um não entendimento de práticas de letramento, como complexas, dinâmicas e contextuais (STREET 2012, *apud* LÊDO, 2013).

Embora os gêneros textuais, muitas vezes sejam trabalhados na escola com fins meramente avaliativos, relacionados aos aspectos gramaticais, cumprem na sociedade funções relevantes. No cotidiano dos alunos, que vivem em determinada sociedade, com características próprias, os gêneros estão presentes, pois são mediadores das atividades sociais para quais se procura fazer sentido. Como confirma Marcuschi:



Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.155)

Portanto, de acordo com o autor, os gêneros existem em função de determinada cultura, em uma relação social, histórica e institucional, dando sentido para as relações sociais. Assim, trabalhar os gêneros em sala de aula é entender que eles são dinâmicos e flexíveis, pois se ajustam às atividades em determinada esfera comunicativa.

Dessa forma, fica bastante evidente que os gêneros na escola deveriam ser entendidos como textos interativos, pois servem para a organização da sociedade (MARCUSCHI, 2008). Os interlocutores interagem através dos gêneros, e essa interação tem finalidades, propósitos comunicativos e não acontece por acaso.

Trabalhar os gêneros textuais na perspectiva funcional requer uma reflexão sobre o conceito de práticas de letramento ligado ao conceito de gêneros textuais. Enquanto nossas escolas continuarem com uma abordagem que prioriza aspectos puramente linguísticos, sem levar em conta os atores que participam das práticas de letramento, as intenções deles nessas práticas, e, principalmente como constroem significados durante essas interações, certamente não será compreendida pelos alunos.

Assim, segundo Lêdo (2013, p. 61), “as práticas de letramento são, portanto, as coisas que as pessoas fazem e pensam sobre o que fazem com a leitura e a escrita em contextos específicos.” Essas práticas são históricas, foram sendo construídas ou modificadas ao longo do tempo em uma comunidade específica.

Não defendemos aqui, a posição de que a escola deva excluir as práticas de letramento privilegiadas, ou seja, as práticas que os alunos devem aprender para galgar melhores oportunidades no meio social. Pelo contrário, as práticas privilegiadas só acrescentarão às práticas que os alunos trouxeram das suas experiências antes de



adentrar o ambiente institucionalizado e também vão inseri-los no mundo dos textos das instituições, favorecendo a ação dos sujeitos no ambiente do qual fazem parte.

A questão não é a exclusão, mas sim a inserção do aluno ao letramento padrão de forma eficiente. E então Bortoni-Ricardo (2005), ratifica o que dissemos quando afirma que muitas escolas não têm sucesso na transmissão e ensinamento da língua padrão (ou de práticas e gêneros textuais), porque os alunos não encontram sentido nessa forma de transmissão da língua prestigiada (ou dos letramentos prestigiados).

O nosso propósito neste artigo, além de fazermos comparações entre letramentos da sala de aula com os letramentos que os alunos aprenderam nas suas vivências diárias, é também provocar uma reflexão que não se esgota, pois o objeto a que temos nos dedicado apresenta nuances, além de ser complexo e específico.

### **METODOLOGIA**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo realizada em uma escola pública da cidade de Teresina Piauí. A pesquisa é cunho qualitativo cujo propósito é a observação *in loco* dos atores envolvidos no processo interacional, conforme orienta Bortoni-Ricardo (2008).

Os sujeitos pesquisados foram alunos adolescentes de uma turma do primeiro ano do Ensino Médio regular. Nessa turma estudavam 28 alunos. A escolha dessa série se deu devido à escola ter uma grande quantidade de alunos, e também porque é no início do ensino médio que os alunos deverão ampliar o seu leque de práticas de letramento e gêneros textuais.

Para a coleta de dados utilizamos o procedimento da observação feita durante as aulas de língua portuguesa e nos corredores da escola, bem como lançamos mão de entrevistas e registros fotográficos para descobrir possíveis práticas em que se envolviam esses alunos fora da escola ou nos corredores dela e que não tinham uma relação direta com as aulas de língua portuguesa.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 80) “para aprender, os alunos se baseiam no que já sabem, conferindo significado ao que a professora lhes apresenta.”



Na realização da análise dos dados consideramos as práticas de letramento do cotidiano (práticas que foram relatadas pelos alunos durante a realização das entrevistas), Algumas práticas de escrita que ocorriam nos corredores da escola e as práticas de letramento do contexto da sala de aula, as quais são sistematizadas em um quadro. Faremos uma comparação dessas práticas com o objetivo de perceber em quais delas os alunos encontram sentido e funcionalidade. O tempo de observação nas aulas e corredores da escola para a presente pesquisa durou 3 meses.

### **BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO: COMPARAÇÃO DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO**

Como já versamos em nosso trabalho, a presente pesquisa tem como objetivo comparar práticas de letramento do cotidiano dos alunos com práticas de letramento da sala de aula e dos corredores da escola. O nosso interesse na comparação dessas práticas de leitura e escrita é uma reflexão em relação às práticas de letramento do contexto do cotidiano dos alunos em uma relação com as práticas de letramento escolar.

Mesmo que os adolescentes estejam envolvidos em práticas de letramento que não circulam na escola ou que sejam desprestigiadas nesse contexto, não devemos entender que essas práticas são menos relevantes. Os programas de letramento devem se basear naquilo que os alunos já fazem com a leitura e a escrita fora ou mesmo dentro dos muros escolares, desta forma havendo uma aproximação da escola com os seus interesses (SOUZA; CORTI; MENDONÇA, 2012).

É a partir dos interesses dos estudantes que a escola pode desenvolver atividades de leitura que sejam realmente prazerosas e que tenham algum sentido para nossos educandos. O que queremos com a nossa discussão, apesar de sabermos através de pesquisas de outros autores que as práticas de letramento escolar, com raras exceções, não têm conseguido atrair com sucesso os alunos, não é desprestigiar essas práticas, ou que sejam substituídas pelas leituras do email, do Facebook, das revistas de fofocas, entre outras.

A nossa pretensão é chamar a atenção de professores e da comunidade educacional de uma forma geral para capacidades desenvolvidas pelos alunos fora da



escola ou simplesmente da sala de aula que envolve textos orais, escritos e leituras. Por que não aproveitar e ligar essas capacidades a leituras de outros textos?

Na escola pesquisada, e principalmente na sala de aula do primeiro ano do Ensino Médio encontramos diversos escritos nas paredes. Sabemos que essa prática de escrever nas carteiras, paredes e janelas não é privilegiada pela escola, porém não deixa de ser uma prática de letramento, pois os alunos dão um significado para esses textos, que mesmo parecendo estranho para a comunidade e para a escola, são carregados de sentido que os estudantes experienciam com os outros colegas de sua idade. As fotos 1, 2 e 3 nos mostram o quanto esses alunos gostam de escrever e também a forma como a escrita adquire configurações e significados diversos para eles.



Foto 01: escrita de aluno na parede do corredor Foto 02: escrita de aluno na parede do corredor

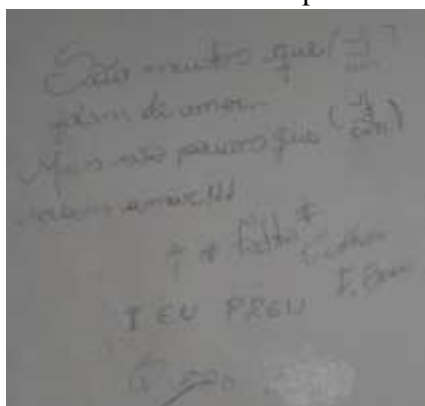


Foto 03: escrita de aluno na parede da sala

Quando perguntamos sobre as atividades que desempenham em sala de aula, os adolescentes responderam, sem animação, que são para “*aprender e passar de ano*”. O que percebemos é que as atividades que são para “*aprender e passar de ano*” não causam tanto impacto nos alunos como aquelas atividades que envolvem a leitura e a escrita, que praticam em outros contextos, que não seja necessariamente o escolar. O que causa tanta motivação para escrever nas paredes, janelas e carteiras e desinteresse para a produção de um texto no caderno? E não devemos descartar que esses estudantes, em muitos escritos, são criativos, como se percebe na foto 3.

As práticas de leitura e escrita do cotidiano dos alunos, como nos relataram através de entrevista realizada em sala de aula, e algumas práticas de letramento das aulas de língua portuguesa estão sistematizadas no quadro 01 a seguir:

<b>PRÁTICAS DE LETRAMENTO DO COTIDIANO DOS ALUNOS</b>	<b>PRÁTICA DE LETRAMENTO DA ESCOLA DOS ALUNOS</b>
Livros religiosos, piadas, poesias, panfletos, diários, resumos orais, mensagens no facebook e celular, leituras em sites, revistas de fofoca	Resumos escritos, textos literários, crônicas, exposição oral, cópias do quadro, textos jornalísticos

Quadro 01: práticas de letramento da escola e do cotidiano dos alunos

Segundo Souza, Corti e Mendonça (2012, p. 15) “muitas dessas práticas de letramento da realidade dos alunos, porém, não são reconhecidas pela escola. Permanece, portanto, uma invisibilidade em torno das atividades sociais realizadas pelos jovens e que demandam ler, escrever e falar”. É interessante ressaltar que a maioria dos aprendizes consegue fazer resumos orais de filmes que assistem fora da escola para os colegas, mas, muitas vezes, não desenvolve com sucesso essa prática na escola.

Percebemos que a prática de letramento em que os alunos relataram que já leram a bíblia, pode estar relacionada ao fato de esses alunos conhecerem uma igreja do seu bairro e assim dar um sentido para essa prática de letramento. Eles têm conhecimento de que esse livro faz parte de um ritual religioso, portanto eles reconhecem o sentido daquela leitura.

Constatamos que as práticas de letramento escolar, como cópias do quadro, exposição oral da professora, resumos escritos de textos do livro didático, os quais não prendiam a atenção do aluno, eram cansativas e os alunos não encontravam um sentido e uma função que pudesse facilitar a compreensão dessas práticas e dos gêneros. Assim, como eles mesmos relataram, essas atividades propostas na sala de aula serviam apenas para “*aprender e passar de ano.*”

Quando foram perguntados em relação aos filmes que assistiam na vida diária e se costumavam comentar com os colegas sobre os mesmos, disseram com muita empolgação que relatam de forma resumida apenas os filmes que acham interessantes. A partir dessa prática de letramento e do gênero resumo oral de filmes, percebemos que os alunos têm uma competência comunicativa para a participação nessa prática.

Segundo Koch (2015, p.152), “o que está fora de dúvida é que, nas variadas situações de interação verbal, a competência sociocomunicativa dos interlocutores permite-lhes discernir o que é adequado ou inadequado no interior das práticas sociais” e assim constroem sentidos para os textos a partir dos conhecimentos prévios da situação em que estão envolvidos.

Dessa maneira, ao relatarem resumidamente os filmes que consideram interessantes, os alunos interlocutores constroem um sentido para a situação comunicativa. Assim Koch (2015) corrobora com nossa reflexão, pois os alunos conseguem identificar essa prática de letramento como adequada, pois se encontram no interior de uma prática social em que os conhecimentos prévios são ativados e logo conseguem perceber a prática de assistir filmes e depois resumir oralmente para os colegas que não assistiram.



Em relação às leituras em sites e mensagens enviadas tanto pelo facebook como pelo celular, os alunos relataram que no lugar onde moram precisam enviar mensagens porque necessitam estar em contato com amigos, familiares e colegas da escola. Assim essa prática de letramento não é valorizada na turma pesquisada, mas no bairro dos alunos e no mundo de uma maneira geral são muito valorizadas, pois fazem parte de um mundo tecnologicado.

Sendo assim, o trabalho com as práticas de letramento e os gêneros textuais na escola deve proporcionar aos alunos não somente atividades que têm unicamente a finalidade de fazer com que os alunos “passem de ano”, mas, sobretudo, atividades em que os alunos possam se reconhecer como participantes construtores dos seus próprios saberes, como por exemplo, a prática de resumir filmes através da oralidade, nos quais se engajam de forma adequada (MARCUSCHI, 2008).

Na vida diária os alunos compreendem que não podem falar do mesmo jeito em todas as situações e nem escrever um bilhete quando for solicitado a escrever um resumo escolar.

O que podemos ressaltar em nosso estudo é a relevância de um ensino que priorize práticas de letramento e gêneros reais que circulam na comunidade onde vive o aluno. Enquanto a escola priorizar práticas e gêneros meramente com fins avaliativos, as atividades não servirão para os alunos compreenderem o verdadeiro sentido da linguagem.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O nosso trabalho focou práticas de letramento vivenciadas pelos alunos do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Teresina-PI. Essas práticas são vivenciadas por eles, como relataram durante a observação em sala e realização de entrevistas, fora dos muros escolares e também na escola.



Devemos supor que toda essa criatividade apresentada por eles em práticas de letramento fora da escola ou na própria escola, possa ser usada em práticas que irão inseri-los em um mundo cada vez mais competitivo. Em nossa sociedade circulam diversos textos, com propósitos comunicativos e necessidades que também são diversas. Enquanto o aluno acreditar que resolver um exercício proposto pela professora e fazer um resumo de um texto que se encontra em alguma página do livro, seja apenas para “*aprender e passar de ano*” ele não vai entender o real sentido da escola e da linguagem.

Os alunos encontravam uma maior motivação para participar de práticas de letramento e produzir gêneros textuais sejam escritos ou orais, em situações cotidianas do seu bairro, ou seja, encontravam sentido e funcionalidade nas atividades que eram por eles reconhecidas através de seus conhecimentos prévios, como por exemplo, a produção de resumos orais de filmes (KOCH, 2015).

Podemos concluir através das observações feitas e do contexto da pesquisa como um todo, que as práticas de letramento (e os gêneros textuais) dos alunos são mais motivadoras em contexto fora da sala de aula. Essas atividades eram realizadas em contextos que faziam sentido para os alunos, até porque eles interagem entre si, e dessa maneira as leituras e produções dos gêneros citados passavam a fazer sentido, porque eram construídos coletivamente em atividades do dia-a-dia.

As atividades em sala de aula não tinham sucesso, na maioria das vezes, porque não conseguiam chamar a atenção dos aprendizes de maneira geral. Eram atividades que tinham fins meramente avaliativos.

Com isso se faz necessário uma reflexão em relação às práticas de letramento na escola, pois essa instituição é credenciada em nossa sociedade, por ser o lugar onde o aluno deve aprender as diversas práticas de letramento que circulam no mundo a sua volta, já que a função da escola é fazer essa conexão com a realidade do aprendiz.

Acreditamos que essa ponte com nossos estudantes pode ser construída através daquilo que eles já fazem das suas experiências e práticas de letramento que realizam em outros lugares. Há também a relevância de uma maior discussão entre a academia e



a política pedagógica da escola pública, com o intuito de trazer melhorias para o cenário educacional atual.

### REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Contexto, 2015.

LOPES, Iveuta de Abreu. **Cenas de letramentos sociais**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2006.

LÊDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. **Letramentos acadêmicos: práticas e eventos de letramento na educação à distância**. Recife: Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CORTI, Ana Paula; MENDONÇA, Márcia. **Letramentos no ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Recebido Para Publicação em 28 de junho de 2016.

Aprovado Para Publicação em 10 de setembro de 2016.